

FATOS E NOTAS

O CAVALO E O BOI NA AMÉRICA, EM ESPECIAL NO BRASIL.

WALTER SPALDING

O equino, como o bovino, talvez tenham sido originários das Américas. Principalmente o equino, pois dele foram encontrados restos fósseis na América do Norte e na do Sul, inclusive no Brasil.

Mas tanto o equino como o bovino desapareceram dos solos americanos em consequência de mutações da crosta do globo terrestre, e somente reapareceram no final do século XV em sua forma já evoluída e definitiva, trazidos, os equinos, por Cristóvão de Colus (que chamam Colombo) e depositados nas ilhas do Caribe, de onde se espalharam pela América do Norte com os conquistadores europeus.

Para a América do Sul, além de alguns dos de Cristóvão de Colus, foram trazidos especialmente por Cortez (Venezuela e Colômbia), Mendoza (Argentina), cavalos e bovinos por Hernandárias (Uruguai), dona Ana Pimentel (São Paulo), Tomé de Souza (Bahia e Nordeste). Para o Paraguai levou o governador Cabeza de Vaca o cavalo e os irmãos Góis, roubados de São Paulo, cavalos e bovinos.

Desenvolvendo-se ali, com a fusão dos de Cabeza de Vaca e outros vindos do Uruguai, tanto o boi como o cavalo apareceram, a partir de 1634, no Rio Grande do Sul, graças ao padre Cristóvão de Mendoza Orellano, que comprara mil bovinos de um estancieiro paraguaio (que por sinal era paulista), e os espalhara pelas Missões (os Sete Povos), campos de Vacaria de los Pinare (Passo Fundo e a atual Vacaria), e campos de Santa Tecla, hoje município de Bagé, fronteira com o Uruguai.

Surgiu, assim, o gado sem dono, denominado pelos indígenas de “gado orelhano”, isto é: descendentes xucros dos bovinos introduzidos pelo jesuita Cristóvão de Mendoza Orellano, e que pertenciam a quem

os pegasse ou caçasse. Era o denominado “gado chimarrão”. E assim como o bovino, também se espalhou o equino que os primeiros entradistas, no extremo sul, tiveram que enfrentar a tiro, pois o cavalo, tornado selvagem, mais do que o touro, agredia, atacava, violentamente. Aí estão os relatos em cartas de Cristóvão Pereira de Abreu, João de Magalhães e outros, que nos contam suas façanhas nesse particular.

Misturando-se este gado inicial com os descendentes dos primitivamente introduzidos no Uruguai, na Argentina e no Paraguai, principalmente Uruguai, desenvolveram-se enormemente em plena liberdade dos campos abertos e férteis tornando-se selvagens, violentos como feras, e que os indígenas, mormente os charruas e minuanos, a exemplo do que viam nas Missões, domesticavam de pequenos, criando, assim, verdadeiros plantéis de cavalares mansos e de bovinos domesticados que, assim, mais tarde, venderiam aos entradistas, os tropeiros de Laguna e Sorocaba.

Entre o cavalo, ia também o asinino que se propagou mais tarde, obrigando o governo a medidas drásticas afim de coibir os abusos.

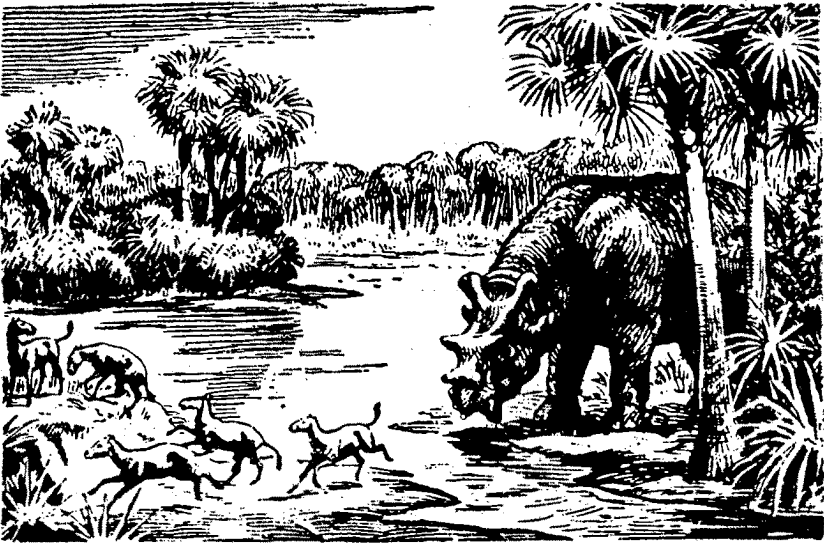
Esta, em síntese, a origem do reaparecimento do equino e do bovino entre nós.

Entretanto é remotíssima e curiosa a formação e transformação desses quadrúpedes que se tornaram indispensáveis ao homem.

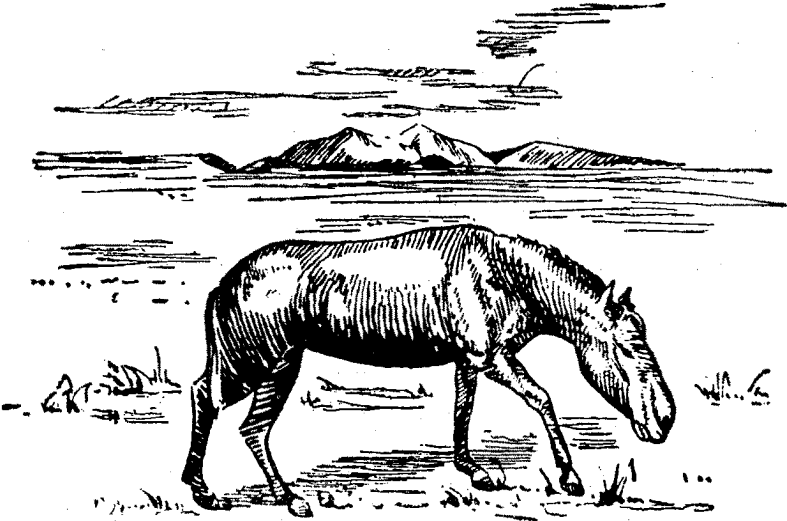
O mais remoto tipo cavalар encontrado, em restos fósseis nas Américas, foi o do *Hippidion*, já em quinta transformação. Desaparecido daqui, conservou-se, contudo, a partir do terciário mais inferior até os tempos do pleistoceno, nos desertos da Ásia, onde ainda Buffon encontrou “o cavalo selvagem”, pequeno e peludo, tipo que seria, sem os pelos longos, o denominado, entre nós, “cavalo crioulo”. Daí foi que se espalhou novamente pelo mundo, a ponto de participar com destaque, dos grandes feitos dos povos antigos de alguns milênios antes de Cristo.

Carlos de Paula Couto em sua obra *Paleontologia do Rio Grande do Sul* (1), estabeleceu a seguinte genealogia do cavalo, segundo os estudos de E. D. Cope:

(1). — Livraria do Globo, Porto-Alegre, 1940.



PROTOHIPPIUS, ou "Eohippus" e "Uintatherium" (à direita), do Mioceno m.dio dos Estados Unidos. O "Eohippus" era um pequeno equideo, provido de quatro dedos nas patas anteriores e três nas posteriores, enquanto o "Uintatherium" era um ungulado amblíodo.



Reconstituição do HIPPIDION, cavalo extinto do pleistoceno sul-americano, segundo W. B. Scott. O "Hippidion" foi o mais adiantado cavalo que existiu nas Américas, sendo encontrados fósseis nos Estados Unidos e na Colômbia especialmente. Existem também vestígios no Brasil.

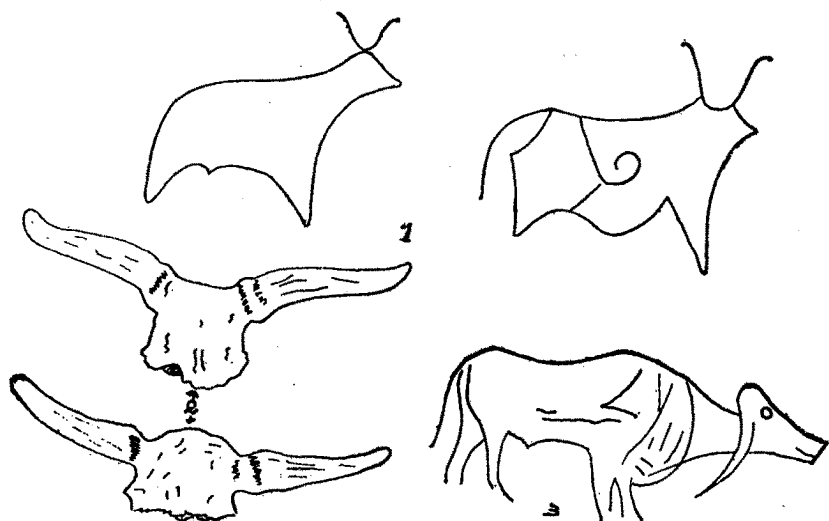
Tipos exclusivamente americanos:	Tipos comuns à América e à Europa:	Tipos exclusivamente europeus:
Equus (esp. fósseis)	Equus (gênero)	Equus (vivos e fósseis)
:	:	:
Hippidion	Hippodactylos
:	:	:
Protohippus	Hipparion	Sivalhippus
:	:	:
Anchippus	Anchitherium
:	:
Mesohippus	:
:	:
.....	:	Paloplotherium
:	:	:
Epihippus	:	Palaeotherium
:	:
.....	:	Pliolophus
:	Hyracotherium	:
Systemodon	Pachynolophus
	Phenacodus (América do Norte)	
	:	
	Protogonia (América do Norte)	

Este *Protogonia* seria, portanto, o mais remoto ascendente do cavalo atual, segundo Cope. Mas a tendência dos atuais paleontologistas é considerar o *protogonia* como sinônimo de *Phenacodus*, isto é, como tendo sido o gênero fundado sobre restos deste último.

Sabe-se hoje que os mais antigos cavalos fósseis conhecidos foram contemporâneos do *Phenacodus*. Portanto não pode, este, ser considerado ancestral do cavalo da atualidade, mas sim seu provável colateral, descendente de tronco comum ainda não descoberto.

O *Phenacodus* é um *Condylarthera*, grupo a que pertencem os mais antigos ungulados conhecidos e que, talvez, tenha sido o ponto de partida dos *Perissodactyla*, ordem a que pertence o cavalo, cuja linha genealógica provavelmente se originou de *Condylartras* mais primitivos que o *Phenacodus*.

Parece, contudo, que sua pátria de origem, seu berço na aurora do mundo, é a América, de onde se teria espalhado pelo globo terrestre, desaparecendo, como já ficou dito, ele e seus descendentes depois do *Hippidion*, das terras americanas, para só permanecer na Ásia e na Europa, de onde, com as conquistas do Novo Mundo, a partir de 1493,



1) — Tipos de Bovinos da idade da pedra, conforme desenhos rupestres encontrados no Saara ocidental. (Conf. Hermann Leicht — “História Universal da Arte”, Edições Melhoramentos, 1965). 2) — Fossil do Bison priseus, do quaternário, do qual houve provavel cruza com o Bos, e fossil do Bos primigenius, do quaternário. (Conf. Léon Moret). 3) — Desenho de Bovédeo gravado em arenito, no Saara, África noroeste, conf. Frobenius, citado por Hermann Leicht. Representa um dos tipos do Bos, anterior ao Bos taurus, ao que parece.

Talvez seja o ancestral do nosso “boi cabano”.

com a segunda viagem de Cristóvão de Colus, regressou às Américas, onde se tornou o grande herói das conquistas e das guerras, confirmando o que dele dissera Buffon:

“Não se recusa a coisa alguma, serve-o (ao senhor) com todas as suas forças, vai além, muitas vezes, do que elas lhe permitem, e não duvida sucumbir e morrer levado pela cegueira da obediência”.

Estas qualidades do cavalo quase o deificaram entre os árabes. Maomé o denominou “filho do vento”, dizendo que Deus, ao criar o cavalo dissera:

“Quero fazer de ti uma criatura para a glória dos meus fiéis e terror dos meus inimigos”.

Tornou-se, por isso, o cavalo, para o homem do Oriente, o mais nobre dos animais e aqui, neste extremo sul das Américas, do Rio Grande do Sul à Patagônia, o companheiro e amigo fiel, indispensável.

* * *

Enquanto se tem do cavalo a árvore genealógica mais completa do reino animal, pouquíssimo possuímos a respeito dos antecedentes do bovino que é, na atualidade, resultado da cruz de dezenas de “raças” originárias do *Ovibos* e do *Bos*, ambos descendentes dos *Bovídeos*, prováveis descendentes ou *condylartras* mesmo.

Segundo os paleontologistas, pertence o bovino ao grupo dos *Selelodontes*, gênero dos *Cavicornes*, família dos *Bovídeos* que deu o *Ovibos* da Eurásia e o *Bos* da Índia (*Bos planifrons*), e o *Leptobus* (*Bos etruscus*) que por sua vez geraram diversos tipos, entre os quaes o *Auroque* ou *Urus* do pleistoceno superior. Este, por sua vez, deu o *Bos primigenius* do quaternário europeu e, finalmente, o *Bos taurus*, de que descende, nas mais variadas cruzas, o nosso bovino atual.

Resumindo, temos:

BOVINO DA ATUALIDADE

BOS Taurus

Bos planifrons do
pleistoceno da Índia

Bos primigenius do quaternário da
Europa

Bibos (?)

Auroque ou *Urus* do pleistoceno
superior

Bos etruscus (*Leptobus*).

Bos

Ovibos, da Eurásia

Bovídeos

Cavicornes

SELENODONTES.

O gênero *Bos* não compreende, na atualidade — isto se o tomarmos no sentido estrito — mais do que a espécie doméstica de nosso bovino, o *Bos taurus*.

Um gênero aparentado, o *Bibos*, compreende grande número de tipos *Bovédeos* que existiram e ainda existem, alguns, na Ásia, como o gauro (*Bibos gaurus*), o gayol (*Bibos frontalis*), o banting (*Bibos sandaicus*), e, mesmo, o yack ou iak (*Poephagus gruniens*).

Desses tipos indianos e asiáticos é que descende a maioria dos bovinos orientais, entre os quaes o zebú de córcova. De todos, ou quase todos esses tipos, existiram também espécimes na África, talvez anteriores aos asiáticos.

Na Europa, em período mais ou menos histórico, viveu o *Bos primigenius* possivelmente filho de Auroque ou *Urus*. Esse tipo bovino ainda existia pela Lituânia e pelo Cáucaso, nos primórdios da Idade Média.

O *Bovídeo* em geral, declara Léon Moret em seu *Manuel de Paléontologie Animale*, é um quadrúpede mamífero vagaroso, que possui cornos. E acrescenta: apareceu no plioceno superior na Ásia, Índia e Europa, tendo como característico o *Leptobus* ou *Bos etruscus*, parecido com o *B. bos* da Índia, atual, mas não é seu ancestral, conclui.

O *Ovibos* que é um tipo do boi de porte mediano, era um animal pequeno relativamente, cujos cornos mais ou menos juntos na região média do crânio, são curvos nas extremidades. Durante o quaternário as tropas desses animais foram numerosas na Eurásia. Mas desapareceram quase totalmente, vitimados pelo Homem primitivo que deles fazia seu principal e, não raro, único alimento. Em compensação, aquele primitivo homem gravou, pelas cavernas, a lembrança do *Ovibos*, em algumas representações rupestres.

O *Bos* propriamente dito, declara ainda Moret, tem o crânio côncavo na parte superior e a face mais alongada. Também os primeiros *Bos* apareceram no plioceno da Índia, espalhando-se depois, durante o quaternário, pela África, Ásia inclusive Alasca, e Europa, surgindo daí o *Bos planifrons* e o *Bos primigenius*. Estes, através de cruzas milenares, chegaram ao bovino atual, o *Bos taurus*, possivelmente passando pelo *Bison priscus* também.

A rigor não podemos dizer que o boi doméstico — *Bos taurus* — da atualidade seja uma raça uniforme. Na realidade não passa de uma denominação simplesmente abstrata, sob a qual ficaram reunidas todas as “raças” modificadas através dos tempos, e, modernamente, ainda

mais pelos criadores sempre em busca de tipos melhores, maiores, mais belos e . . . mais rendosos.

Essa mescla é, hoje, resultado de primitivas “tribos” de *Bovideos*, *Cavicornes* e, quiçá, outros *Selenodontes*, sendo que, com quase absoluta certeza encontraremos os ascendentes do hodierno bovino, não só no *Urus* europeu, como no *Bibos* da Índia, e ainda o *Bosfrontosus* (a vaca das turfeiras ou palafitas), e os *Bos braquiceros* e *longifrons*.

O nosso boi, portanto, é a maior e mais autêntica miscelânea de antigos tipos de *Selenodontes*, sendo ainda, entre nós, o mais parecido com os primitivos tipos clássicos, o tão desprezado *Boi Cabano*, pequeno, de chifres para baixo e, ainda, o *Boi Franqueiro*, um pouco maior, de grandes chifres abertos, trazidos, em velhos tempos, da cidade de Franca (daí seu nome), Estado de São Paulo, originário, possivelmente, dos primeiros bois para lá levados, descendentes dos pioneiros bovinos de São Paulo, “importados” por dona Ana Pimentel, a grande administradora da histórica *Capitania de São Vicente*.